

Dinâmica para ser usada na introdução da lição 6
SILÊNCIO NO TRIBUNAL

CASO MIGUEL

Materiais necessários

- Cópia do texto *Caso Miguel*. Cada fala do personagem deve estar escrita em tiras separadas;
- Objetos para caracterizar os personagens: bandeja, cachecol, boné, vassoura, lenço, paleta de tinta ou pincéis.

Procedimento

Escolha cinco alunos para lerem os relatos escritos nas tiras de papel. Entregue a cada um o objeto para que se caracterizem, segundo consta dos relatos.

A pessoa que vai representar Miguel deve ser contatada antes -- ou você, professor, pode ser o Miguel.

Fale sobre a personagem, mas sem mostrar quem é: Miguel é um artista plástico, tem boa aparência e está com 27 anos de idade. Vamos ouvir o que algumas pessoas disseram sobre ele nesses dois últimos dias.

As pessoas já caracterizadas deverão ler os textos interpretando os personagens.

Ao fim do relato das cinco pessoas, pergunte o que os alunos pensam sobre Miguel. Escreva na lousa as características mencionadas. Em geral, os alunos falam coisas terríveis sobre ele. Em seguida, Miguel deve entrar (se for você mesmo, basta pegar o acessório e começar a falar).

Ao final a turma terá entendido sobre a nossa tendência de precipitarmos nossa opinião e julgarmos as pessoas

1. Relato do garçom do restaurante (segura a bandeja)

Ontem à noite, esse Miguel chegou aqui acompanhado de uma morena, bem bonita por sinal, mas eles conversaram pouco. Ele passou o tempo todo olhando pra todas as mulheres que chegavam. Quando entrou uma loira usando um vestido colante, ele agiu rápido: foi até a mesa dela e eu ouvi que os dois marcaram um encontro para o dia seguinte. Esse tal de Miguel fez isso na cara do sujeito que estava acompanhando a loira. É mole?!

2. Relato da mãe (usa um cachecol ou echarpe)

Miguel levantou correndo hoje. Não quis tomar café, não ligou para o bolo que eu tinha feito especialmente pra ele. Ele apanhou suas coisas e foi embora. Nem colocou o cachecol que eu dei pra ele. Disse que estava com pressa e deu pra perceber quanto estava impaciente comigo. Eu só queria que ele se agasalhasse mais. Apesar da idade, o Miguel é igualzinho uma criança. Não reconhece o que é bom para ele mesmo.

3. Relato do motorista de táxi (usa um boné)

Hoje de manhã apanhei um sujeito e não fui muito com a cara dele. Estava de cara fechada, era do tipo supercompenetrado e “seco”. O cara não queria conversa. Tentei falar sobre futebol, política... mas não rolou nenhum papo, e ele ainda me mandou ficar calado porque tinha de se concentrar. Achei o cara esquisitão, desses que a polícia anda procurando por aí, que assaltam táxis. Aposto que ele estava armado. Não via a hora de me livrar dele.

4. Relato do zelador do edifício (segura uma vassoura)

O Miguel não bate bem da cabeça. Às vezes ele me cumprimenta, às vezes finge que não me viu. E as conversas dele, então? A gente não entende de jeito nenhum! É parecido com um parente meu que ficou doido. Hoje de manhã ele chegou falando sozinho. Eu lhe dei bom-dia e ele me encarou com um olhar estranho, depois disse que tudo no mundo é relativo, até a realidade. O Miguel disse que quando está pintando um quadro, aquilo é que é realidade. Tá na cara que esse rapaz é doido!

5. Relato da faxineira (usa um lenço na cabeça)

Ele anda sempre com um ar misterioso. Os quadros que pinta a gente não entende. Quando chegou hoje de manhã, ele me olhou meio estranho e eu tive um pressentimento que ia acontecer alguma coisa ruim naquele dia. Logo depois chegou uma loira com um vestido colante. Ela perguntou onde ele estava e eu disse. Dali a pouco eu ouvi a moça gritar e corri pra ajudar. Abri a porta de supetão e ele estava com uma cara furiosa olhando pra ela, cheio de ódio. Ela estava jogada no divã. No chão tinha uma faca. Então eu fiz o que tinha de fazer: saí gritando: “Assassino! Assassino!”

6. Relato do Miguel (segurando pincéis ou paleta de tinta)

Oi. Eu sou o Miguel. Sou pintor e gosto de me dedicar à pintura de corpo e alma. Há mais de um ano eu tento pintar a mulher que seria a Mona Lisa do século 21, mas não encontro uma modelo adequada que encarne a beleza, a pureza e o sorriso que quero retratar.

Ontem à noite, um amigo me ligou e disse que tinha achado a modelo que eu procurava. Ele marcou um encontro num restaurante que ele frequenta. Estava ansioso para ver a tal moça. Quando ela chegou... bom... era até bonita, mas não era o que eu queria. Daí, tive um pressentimento que acharia a minha Mona Lisa naquela noite. A minha amiga até me incentivou a procurar a minha Mona Lisa e ficamos olhando as mulheres que entravam no restaurante.

De repente, eu vi. Eu vi a minha Mona Lisa – era uma loira lindíssima. Tentei me aproximar por meio do garçom, mas ele não olhava na minha direção. Foi aí que a minha amiga me deu uma ideia: “Vai lá falar com ela”. Eu fui. Fui direto para a mesa dela e do cara que estava com ela.

Pedi que posasse pra mim e ela aceitou. Depois eu e minha amiga saímos do restaurante e eu dei uma carona pra ela.

Hoje me levantei cedo. Quase não consegui dormir. Estava ansioso demais, louco pra começar o meu quadro. Estava tão ansioso que nem consegui tomar o café da manhã com minha mãe. O café parecia gostoso, mas não aguento tanta comida que a minha mãe arranja pela manhã. E ela sabe que estou de regime, isso sem contar a mania que ela tem de me agasalhar. O sol pode estar “rachando” lá fora, mas ela sempre acha que vai fazer frio. E lá fui eu pra rua...

Peguei um táxi para ir até o ateliê. No caminho, comecei a fazer um esboço. Ia imaginando o jogo de luz e sombra, a textura da tela, as cores... O taxista tentou puxar um papo, e eu gosto demais de conversar, mas hoje não tinha jeito. Fiquei na minha. Acho que ele entendeu.

Quando entrei no edifício, estava cantando baixinho. Acho que o zelador falou comigo, mas não prestei atenção. Às vezes sou distraído. Daí, pra melhorar a situação, perguntei: “O que foi?”, e ele respondeu: “Bom-dia”. Aquele zelador não imaginava quanto aquele dia era importante demais pra mim. Seria a realização de um sonho. Ouviu? A realização. Pois quando pinto um quadro, aquilo é a minha realidade. Eu tentei explicar isso pra ele, mas não deu certo.

Quando cheguei ao ateliê, vi aquela faxineira mexeriqueira. Não gosto dela. Entrei na minha sala e comecei a preparar o material e limpei a paleta com uma faca. Quando eu estava fazendo isso, a loira chegou. Eu pedi que ela se sentasse. Ela pediu desculpas porque estava um pouco atrasada. O motivo? Tinha ficado até tarde na festa e tinha vindo direto para o ateliê. De repente, ela começou a me abraçar. Pedi para ela parar, afinal sou um rapaz comprometido, quase noivo. Ela me abraçou de novo e começou a falar que gostava de mim. Então eu a afastei e ela caiu no divã e gritou. Daí a faxineira entrou e começou a berrar: “Assassino! Assassino!”. A loira se levantou e foi embora me chamando de idiota. Lá se foi a minha Mona Lisa!